



## **O universo feiticeiro de Joaquim Cardozo em “Brassávola”**

Mariana Conde Moraes Arcuri\*

No dia, solar, que se apaga, que se extingue, a tarde pouco a pouco se fina, se espetala. Espectros, espíritos rondantes cantam suas mortas almas no perfume da pequena orquídea, embaciada e ordinária. É o cheiro desses fantasmas, o aflorar de tantas sensações bruxas, sombras, aromas, silentes – descabidas logicamente – que atravessam o conto “Brassávola”, ele próprio uma orquídea casta e recolhida que desabrocha num tomar pleno dos sentidos, numa anunciação de tantos encantamentos, sortilégios.

Nos ritos e liturgias os mais variados, das crenças pagãs da Antiguidade ao catolicismo contemporâneo, o perfume aparece continuamente como elemento fortemente simbólico e mágico. Oferecido em sacrifícios para deleitar divindades – no Egito antigo as deusas eram tidas como capazes de ofuscar as mulheres com seu odor inebriante –, fabricado em templos, purificador – sendo por vezes fruto da queima de incensos –, espargido em estátuas de deuses, empregado no embalsamamento de cadáveres, depositado, em pequenos frascos, em túmulos, borrifado em lápides, o perfume remete emblematicamente a uma conexão com um mundo espiritual que, assim como ele, é inapreensível, incorpóreo, muito embora

\* Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sensível, real. Ele alude fatalmente, por conta de sua própria natureza, à ideia de *essência* da alma, presença da alma: fragrante, existente, impalpável, perceptível.

A aderência do perfume, mesmo após a partida daquele que o carrega, insinua uma noção de duração e uma insistente e impositiva lembrança. As reminiscências olfativas provocadas pelo perfume ajuntam-se em fragmentos mnemônicos e atizam a chama da recordação:

Quando de um passado muito distante nada subsiste depois das pessoas estarem mortas, depois das coisas estarem quebradas e dispersas, somente sabores e cheiros, mais frágeis, mas mais duradouros, mais não-substanciais, mais persistentes, mais fiéis, permanecem estáveis por um longo tempo, como almas, lembrando, esperando, ansiando, dentre as ruínas de todo o resto; carregam inabaláveis, na minúscula e quase impalpável gota de sua essência, a vasta estrutura da memória (Proust: 1982, 33).

Assim, o perfume simboliza a memória, o vestígio do que um dia já foi, o reavivamento do findo, quase memento – e talvez por isso tenha sido vastamente utilizado em cerimônias funerárias. Ao despertar o aparelho sensitivo do homem e destrancar o baú das lembranças, o perfume inflama a psique, que se abre em imagens e cenas significativamente evocativas de desejos e emoções.

Em “Brassávola”, Cardozo cria uma expectativa no leitor ao elaborar um conto dramático que se desenrola num crescendo de suspense. Aqui, entremeado à sutil simplicidade de parte do ambiente da narrativa – encorpada por sugestivas e bem acabadas descrições –, viceja um clima fantasmagórico, abeirando o feiticeiro,

que outorga um caráter muito peculiar ao narrado (atmosfera já vividamente presente no desnorteio do eu, no cenário agressivo, soturno e desvairado e nos intangíveis descaminhos de outro conto seu, "O caminho"). O que se vê é o acontecimento chão adquirir uma dimensão de extraordinário, insondável, ao se evolvar do conto mesmo a impressão de sons entreouvidos, presenças furtivas, cheiro extasiante, entardecente.

"Brassávola" incorpora mais um expressivo exemplo de mundos paralelos, que fascinam e tanto mobilizam Joaquim Cardozo, impelindo-o a elaborar universos ficcionais intensamente (extra) sensoriais, base psicológica de sua criação. Do mesmo modo que em "O caminho", Cardozo convoca o leitor para uma teia narrativa em que se enredam sensações, possibilidades, estímulos, sobressaltos. O perfume delicioso e impregnante e o espanto temeroso que ele produz assediam incansavelmente o narrador, atacado então por calafrios, numa consequente e pronta reação psicossomática: o homem desarranja-se, turva-se ao topar repentinamente com determinadas manifestações da natureza, que lhe assaltam sem trégua os sentidos e o mental.

Com suas sugestões e narrativa densamente tramada que se achega do leitor sedutora, bela, enigmática, o conto desprende uma atmosfera misteriosa que se acerca até das lembranças de Cardozo, especialmente ao se referir o narrador à casa e à rua em que morou, à disposição dos cômodos de sua morada, ao trabalho que realizava, à rotina de perambulação por restaurantes, bares e pensões de mulheres, às conversas com amigos, às recordações de outros, já falecidos, às leituras e hábitos domésticos. Em "Brassávola", assim como em "O caminho", as metáforas suscitadas reforçam o ingrediente fantástico, inebriante, crepuscular. Combinando descrições

planas, mas não desprovidas de beleza, com límpidos efeitos sonoros, cheios, e tessitura de palavras culminando em fartas imagens ricamente erigidas, Cardozo apura um texto liricamente urdido.

Íntimo da morte e dos elementos a ela adjacentes por ter assimilado, desde muito cedo, sua latente ubiquidade (no caso de alguns membros da família, como o irmão mais velho, o pai, a tia-avó), e afeito a uma solidão contemplativa, Cardozo traslada para esse conto tal fascínio pelo perfume das almas: perfume do que já se foi, mas persiste e que, portanto, sempre está. Introdução ao anoitecer, despedida da luz, o perfume relaciona-se ao tempo cardoziano, integramente cósmico; ele é, como o corredor de “Brassávola” e a encruzilhada de “O caminho”, entroncamento, transição entre dois mundos coexistentes, ou mesmo coalescência, passagem para um paraíso possível, Éden terreno, perfeito humano.

Nesse perfume se animam lembranças passadas e revividas, copiosas possibilidades – clarão e noturno –, a das gentes de outras épocas, uma de mulher, incerta, ela mesma flor romanticamente aureolada. Nesse perfume se aninha o crepúsculo, momento lacunar, hora do ângelus, “hora dos corvos”, hora dos mortos (também em “O caminho” a tensão se agudiza com a chegada da noite). Hora da saudade e da melancolia, da nostalgia por um passado que declina, imagem de um sol que se apaga, mas também de anúncio de uma nova aurora, de um novo tempo-espço, que irromperá de dentro das trevas.

No silêncio expectante de seu retiro poético, Joaquim Cardozo deixou-nos um dos mais importantes legados da cultura brasileira do século XX. Sua obra literária [...] representa apenas parte da construção mental do poeta-engenheiro, cuja genialidade pôde

abarcando desde a refinada linguagem literária à compreensão das mais avançadas conquistas da ciência e da arquitetura modernas. Na gênese de sua obra – nas formas dos gestos e da poesia, ou na poesia das formas – havia em Joaquim Cardozo a irreprimível obsessão da beleza aliada à intuição de que o ímpeto criador que dele se apossara, quase como uma doença, resvalaria serenamente rumo a uma dimensão cósmica (Norões: 2008, 22).

Em “Brassávola”, o leitor se afunda no clima sensorial a partir do qual se constrói a narrativa, na qual sobrepõem-se sensações que incendeiam e frequentemente desorientam os sentidos, como o próprio perfume da orquídea – detalhadamente analisado mais à frente –, que sugere algo de sobrenatural ou mesmo mal-assombrado. Medos, angústias, sobressaltos e a visão de eventos inexplicáveis são tópicos que Cardozo ajunta de forma harmoniosa nesse conto, espalhando-os ao longo da narrativa, além de elementos com fundo científico, como, por exemplo, nomes técnicos, botânicos, de uma série de espécies de orquídeas. Assim, logra atingir efeitos expressivos a partir de sugestões sonoras, visuais e olfativas propiciadas pelas imagens empregadas ao longo do texto.

Temos em jogo aqui a questão da memória, saudada como capaz de reviver fatos olvidados, guardados. Em “Brassávola”, os sentidos, perturbados ao roçarem suvenires visuais, olfativos, sonoros, acordam a memória e causam certo desequilíbrio e distúrbios psicossomáticos naquele que experimenta tais sensações difusas.

O narrador principia o relato contando como habitava uma rua do Recife chamada 24 de Maio, lugar detentor de poderosa carga significativa, posto que construído sobre o Cemitério do Convento dos Carmelitas – daí seu nome anterior, Rua dos

Ossos. Por ali ter havido um cemitério, muitos ossos haviam sido removidos, sepultados, esquecidos. A Rua 24 de Maio, portanto, fora aberta sobre “terra ocupada por gente morta há muito tempo, e de quem não mais se tinha qualquer lembrança dos parentes e amigos” (Cardozo: 2008, 465). Por sua peculiaridade, a rua na qual mora o narrador caracteriza-se como misteriosa, algo sombria. Ao descrever as demais casas da rua, afirma serem muito pequenas, quase mausoléus, como a recordar o passado do local, abrigo das gentes mortas, das almas que ali ainda permaneciam. Diz o narrador: “Era uma rua estreita e triste, indicando, pelo aspecto, a sua origem lúgubre e funérea” (Cardozo: 2008, 465). Por sua implicação geográfica e seu passado de morte, tristeza e sofrimento, a rua engendra de antemão um clima soturno.

Mesmo tendo acolhido durante tanto tempo centenas de mortos, a rua não mais guarda seus rastros, visto que com os anos “apagam-se os nomes nas pedras das sepulturas, apagando-se, nas memórias, as recordações” (Cardozo: 2008, 465). A rua, “estreita e triste”, está sempre impregnada “de uma lembrança vaga e incerta, desconhecida ou indeterminada, impregnada de uma saudade imperceptível e mutilada; de uma nostalgia misteriosa e longínqua” (Cardozo: 2008, 466). Já neste ponto Cardozo prepara o terreno para as sugestões de mistério, dúvida e nostalgia que marcarão o conto nos parágrafos a seguir.

Morando sozinho numa das casas da 24 de Maio, o narrador afirma ocupar apenas a sala da frente e o quarto adjacente. O restante da residência permanece completamente abandonado. O longo corredor comunica os cômodos anteriores, habitados, com as dependências posteriores, isto é, a sala de jantar, outro quarto e a cozinha, deixada inteiramente sem uso, morta, esquecida, abando-

nada. Na parte de trás da casa, somente a sala de jantar é utilizada, no café da manhã. O corredor, espaço mítico de transição entre dois mundos, é passagem entre o aqui, civilizado e habitado, e o além, insondável, bruto. Mais adiante, o corredor é lembrado como fator de indeterminação e gerador de angústia, temor e fascínio, uma vez que nele se encontram dois universos antes separados. Agora, entretanto, temendo o imponderável, o narrador utiliza-o de forma estrita, unicamente para alcançar o banheiro e o sanitário, situados no extremo da casa.

A memória, aludida no segmento consagrado ao nome anterior da Rua 24 de Maio, é também evocada no trecho em que o narrador fala de seu costume de trabalhar na repartição, almoçar fora, voltar a casa após o expediente e encontrar-se à noite com amigos em restaurantes da região, com os quais conversa até tarde. Recorda com gosto e vividez de detalhes como bebiam em bares do Recife Velho e frequentavam “pensões de mulheres” (Cardozo: 2008, 466). Antes agregada a elementos lúgubres, nesse momento a memória – embora revestida de certa melancolia – associa-se à alegria de reviver tempos idos com companheiros em aventuras notívagas, completas e animadas.

No trecho subsequente, volta o narrador a comentar acerca do corredor: “na sua escura e larga e longa penetração até a sala de jantar, qualquer coisa de esquisito e fantástico, sobretudo porque sabia que ele era uma comunicação quase mutilada para o resto da casa [...]. O que mais me impressionava era o corredor” (Cardozo: 2008, 467). A parte deficiente e inútil da casa traz para o corredor o caráter de fator de ligação entre um pedaço vivo, mundano, enérgico, e outro, mero apêndice, apagado e esquecido. Do corredor lhe vem “uma sensação de tristeza e isolamento. Ao longo das

suas duas paredes sem abertura para os dois quartos da casa reinava sempre um silêncio dentro de uma escuridão, mais espessa quando, com as chuvas, mais cedo anoitecia” (Cardozo: 2008, 467). Como usual nos contos de Cardozo, a noite veicula perturbação e silêncio definitivo, traz maus presságios e uma sensação de isolamento e tristeza. O corredor, passagem entre dois mundos, afigura-se ao narrador como desafio, causando-lhe aflição: “representava, para mim, uma aventura [...] era uma passagem forçada [...] habituei-me [...] ao seu mistério e à sua realidade” (Cardozo: 2008, 467).

Retornando aos amigos com quem costumava prostrar nos antigos cafés recifenses, lembra-se o narrador do filho de um engenheiro inglês, William Cox. No sítio onde morava, Cox cultivava orquídeas, tema recorrente de suas conversas. Incentivado pelo interesse demonstrado pelo narrador, Cox começa a oferecer a seus amigos o que o orquidário produzia: oncídios, catleias, lélías, vandas, dendróbios, miltonias, epidendros, que em todos despertavam admiração, fascínio pela beleza de seus cachos, de seu colorido intenso. Presenteado com alguns exemplares, o narrador retornava a casa e os punha na sala de jantar, dentro de um copo com água. É uma dessas encantadoras flores que suscitará no narrador uma impressão suprema, indelével – à semelhança do corredor da casa em que mora, com o qual se relacionará.

Em dado dia recebe de Cox “uma pequena flor, sem o brilho e o colorido das catleias ou das lélías ou dos oncídios e tantas outras que eram belas, brilhantes, com suas pétalas acetinadas; era, sim, uma pequena orquídea de cor branca e medíocre, que o nosso amigo designou como uma brassávola” (Cardozo: 2008, 468). A flor, ao contrário das demais, que esgotavam seus encantos à primeira vista, permanece para o narrador fonte de mistério, por

não trazer estampada em sua figura nenhuma graça especial – nem formato, nem textura, nada que sobressaísse. No entanto, possuía um tesouro: o dom de, nas primeiras horas da tarde, desprender “um cheiro bom, forte e agradável” (Cardozo: 2008, 468). Portanto, a brassávola introduz o entardecer; é ela que “anunciava a noite” (Cardozo: 2008, 468), conectada ao vir do crepúsculo, cujo “dom cósmico” (Cardozo: 2008, 468) informa à natureza a partida do Sol. O perfume da brassávola é, pois, uma despedida, um aceno de adeus ao dia que se extingue. Como o corredor, o odor da orquídea simboliza o processo transitório entre dois mundos: luz e sombra.

Levando a brassávola para casa, faz como de praxe: coloca num copo d’água sobre a mesa da sala de jantar. Retoma a rotina, voltando a trabalhar na repartição, almoçando na rua, regressando a casa no final da tarde para ler. Um dia, ao cair da tarde, vê-se confrontado com algo insólito. Lendo um romance, como de costume, sente “um cheiro intenso e agradável [que] invadia a sala onde me achava” (Cardozo: 2008, 469). Tal aroma, fortíssimo e extraordinário, parece-lhe vir do corredor, “já escuro” (Cardozo: 2008, 469). O corredor, ponte para outro universo, traz também um perfume de outro mundo – perfume que se confunde com a vida que finalmente parece pulsar na parte traseira da casa. Talvez houvesse “uma empregada preparando a mesa para o jantar, ou na cozinha uma cozinheira ativando aquele morto fogão de tijolo que nunca utilizei para coisa alguma” (Cardozo: 2008, 469). Logo, o narrador impressiona-se com a presença de algo inesperado, escondido, como se os cômodos posteriores, inúteis e amputados, enfim voltassem à vida, quiçá sob a forma “de uma mulher bonita e perfumada que estivesse se preparando para vir ao meu encontro na sala da frente” (Cardozo: 2008, 469).

Nesse momento, entregue a seus sentidos e ao desarranjo que lhe provocam, sente um pânico absoluto, lembrando que a casa fora construída sobre território de defuntos. Assim, talvez o perfume fosse um recado dos mortos, talvez na penumbra do corredor houvesse alguém à espreita – o fantasma da bela mulher, enterrada há anos? Momentaneamente enlouquecido pelo cheiro profundo e inesperado, o narrador chega “a ter a sensação de passos no corredor e uma certa ilusão de ouvir sorrisos abafados” (Cardozo: 2008, 470); ignora o que fazer, açoitado pelo misterioso corredor, que lhe traz eflúvios mágicos, alucinações.

Tentando “voltar à realidade” (Cardozo: 2008, 470) palpável e para controlar a amplidão soturna da noite, acende a lâmpada da sala. O aroma, no entanto, permanece, cada vez mais penetrante. Conquanto tomado pelo medo, resolve enfrentá-lo e descobrir a origem do perfume; para isso deve atravessar o largo corredor, longo, fechado, corredor “túnel”. O perfume não só provoca seu olfato; desguarnece-o, igualmente, dos demais sentidos, deixando-o à mercê de delírios, como as visões de “uma figura esvanecida, estrangulada, que desapareceu de repente” (Cardozo: 2008, 470) e de “uma mão muito branca, de dedos crispados, ao longo da ombreira da abertura da passagem para a sala de jantar” (Cardozo: 2008, 470).

Apesar das aparições, o narrador persiste, em busca da causa do enigmático cheiro, que faz com que siga pelo portal mágico. A hora é significativa: “seis e meia” (Cardozo: 2008, 470), tempo aproximado do *ângelus*, instante em que o dia vira noite, fundindo-se ambos, em que os mortos revivem e os vivos preparam-se para a escuridão. Percorre o corredor e, atingindo a sala de jantar, a fim de dissolver o pretume da noite, acende a lâmpada. Finalmente dá-se conta da pequena brassávola; vê “então a pequena orquídea! Estava

ali, medíocre, esbranquiçada, alvacenta, desbotada [...] era quase nada” (Cardozo: 2008, 471). A flor, aparentemente vulgar, é capaz de lembrar-lhe o passado, solapar seus sentidos, desgoverná-los com seu perfume embriagador. A brassávola é, ela mesma, lembrança da “hora das antigas ave-marias das igrejas do Recife” (Cardozo: 2008, 471), de ângelus idos, tempos acabados – a brassávola que, com seu perfume, se despede do dia e entra na noite: “Perfume da luz crepuscular, se transformando em noite pura” (Cardozo: 2008, 471).

**Referências**

CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

NORÕES, Everardo. “Joaquim Cardozo: o homem-universo”. In: CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. No caminho de Swann*. São Paulo: Abril, 1982.